

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Ana Márcia da Silva

**CONTANDO OUTRAS HISTÓRIAS - personagens negros positivados utilizados  
por professoras do curso UNIAFRO para uma educação antirracista na  
educação infantil**

Porto Alegre

1. Semestre

2015

Ana Márcia da Silva

**CONTANDO OUTRAS HISTÓRIAS - personagens negros positivados utilizados  
por professoras do curso UNIAFRO para uma educação antirracista na  
educação infantil**

Trabalho de Conclusão apresentado à  
Comissão de Graduação do Curso de  
Pedagogia – Licenciatura da Faculdade  
de Educação da Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, como requisito parcial  
e obrigatório para obtenção de título  
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora Professora Doutora Leni  
Vieira Dornelles

Porto Alegre

1. Semestre

2015

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado Força, Fé e Esperanças para continuar em frente.

À minha INESQUECÍVEL avó de coração, amiga, mãe e companheira, **ILZA LENCINA DE BAIROS CRUZ - IN MEMORIAN**, que sempre acreditou no meu potencial. Sei que estarás aplaudindo onde estiver... Essa vitória é para ti.

Agradeço em especial minha orientadora, Professora Doutora e Orientadora **Leni Vieira Dornelles**, por ter me oportunizado realizar esse Trabalho de Conclusão de Curso, com o qual aprendi muito.

À equipe da escola onde realizei meu Estágio Docente, por ter permitido o convívio diário com o mundo escolar, abrindo as portas para que eu chegasse até aqui.

Aos meus primeiros alunos do 2º ano, que me inspiraram e inspirarão para a realização de um bonito trabalho.

À professora Cláudia, da turma onde realizei meu Estágio Docente, pelas conversas, pelos conselhos e trocas de experiências.

Aos professores de minha trajetória estudantil, Anne Frank, Mal. Floriano Peixoto e Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS que despertaram em mim a vontade de tornar-me uma educadora e, em especial a professora **Maria Isabel Dalla Zen**, pelo carinho, zelo e atenção em momentos difíceis por mim enfrentados no estágio docente. Obrigada pela compreensão.

Às minhas amigas e colegas de trajetória acadêmica, Graciela, Julia, Vanessa, por me acompanharem e me encorajarem nas horas difíceis, incentivando desde o início.

Aos meus familiares, que mesmo de longe e sem muitos recursos, me incentivaram com suas preces.

À minha querida amiga, Elisandra, por me aguentar nos momentos de crise existencial.

Às minhas ex-colegas de trabalho, Cláudia, Elizângela, Roseli e Vanda, por estenderem a mão nas horas em que mais precisei. Obrigada por tudo!

À minha professora de artesanato, Cristina Riegel Neto e sua família, pelos ensinamentos e vivências.

Às minhas amigas e companheiras de trabalhos artesanais, Adriana, Cledi, Enir, Jussara, Rosa e Vanusa, pelo carinho e companheirismo de sempre.

A todas as pessoas que acompanharam cada passo para que esse SONHO se tornasse realidade.

O meu muito OBRIGADA!!

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo analisar as práticas pedagógicas de catorze professoras da educação infantil, cursistas do UNIAFRO<sup>1</sup>. A pesquisa buscou compreender como trabalharam tais professoras de escolas da rede pública do Rio Grande do Sul, para atender os princípios legais da Lei 10.639/03 em sala de aula de educação infantil. Preocupei-me em entender quais as práticas usadas como estratégias para construir uma educação antirracista entre os sujeitos que integram seu ambiente escolar. O estudo caracteriza-se por análise documental a partir de abordagem qualitativa. Os dados para a pesquisa emergem de trabalhos produzidos por professoras do referido curso. Para dar potência ao Trabalho de Conclusão de Curso, utilizo conceitos tais como: Raça, Racialidade, Educação Antirracista e Literatura Infantil. A partir desses conceitos, a pesquisa realizada embasa-se nas proposições de Gladis Elise Pereira da Silva Kaecher, Leni Vieira Dornelles, Tanise Ramos Müller no que se refere aos estudos sobre raça, racialidade e racismo e nos aportes de Maria Isabel Dalla Zen, quando trato de literatura infantil, dentre outros. Através das análises foi possível perceber a importância do uso da literatura nas práticas pedagógicas das professoras de educação infantil, com vistas a uma educação antirracista, a partir do trabalho com crianças pequenas. No estudo assinalo a importância de as docentes participarem de uma formação continuada, na busca de aperfeiçoamento, no caso desta investigação, o curso oferecido pelo UNIAFRO. Para dar conta desse modo de educação, as professoras pesquisadas fizeram uso, principalmente da literatura infantil afro-brasileira, para alcançar uma educação antirracista e direito à igualdade desde a educação infantil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação infantil. Práticas pedagógicas. Literatura. Educação antirracista.

---

<sup>1</sup> UNIAFRO - Curso de Aperfeiçoamento UNIAFRO – Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola

Ninguém nasce  
odiando outra pessoa  
por causa da cor da sua pele,  
ou de suas origens, ou de sua religião.  
As pessoas são ensinadas a odiar, e  
se são ensinadas assim, elas podem  
aprender a amar, porque o amor  
chega mais naturalmente  
ao coração do homem que o seu oposto.

Nelson Mandela

## SUMÁRIO

1 DELIMITANDO AS ESCOLHAS .....	8
1.1 DANDO OS PRIMEIROS PONTOS.....	9
1.2 ESCOLHENDO O TEMA .....	10
1.3 APRESENTANDO A TEMÁTICA .....	11
1.4 DAS QUESTÕES MOTIVADORAS AOS OBJETIVOS .....	11
2 ALINHAVOS E COSTURAS.....	13
2.1 REFERENCIAL TEÓRICO - modos de trançar os textos e costurar palavras .	13
2.2 CONHECENDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS: entrelaçando linhas e formando tramas.....	17
3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS - um caminho para uma educação antirracista na Educação Infantil .....	20
3.1 DE ONDE VÊM TANTOS CACHINHOS?.....	20
3.2 POR QUE VOCÊ TEM A COR TÃO BONITA?.....	21
4 O TRABALHO DE PROFESSORAS EM SALA DE EDUCAÇÃO INFANTIL .....	23
4.1 SELECIONANDO OS MATERIAIS PARA COSTURA .....	23
4.2 CONTANDO OUTRAS HISTÓRIAS - a literatura afro-brasileira na educação infantil.....	24
4.3 ENTRE METODOLOGIAS, OBJETIVOS E APRENDIZAGENS - professoras também aprendem ensinando .....	24
5 OS RETOQUES (talvez) FINAIS - em busca de outras costuras .....	35
REFERÊNCIAS	
APÊNDICE	

## 1 DELIMITANDO AS ESCOLHAS

Ao vislumbrar minhas lembranças de infância, percebo que o desejo de manusear as artes esteve ao meu lado desde a mais tenra idade e ao admirar minhas tias e minha avó criando arte com uma variedade de artesanatos me alegrava.

Cresci e aos poucos fui envolvendo-me nesse mundo, o qual me fascina e me faz sonhar. A minha trajetória como artesã sempre me motivou na busca por maneiras de encantar as pessoas, principalmente, quando decidi cursar Pedagogia e lecionar para crianças pequenas. Mas o que tem a ver minhas experiências como artesã com este trabalho? Com o sonho de criar materiais que estimulem a aprendizagem das crianças e, também, como apoio nas práticas pedagógicas nesse ambiente, auxiliando nas leituras com os pequenos. Como admiradora das artes manuais, acredito que os materiais diferenciados possam contribuir nas ações pedagógicas de professores no cotidiano escolar.

Enxerguei nesse trabalho, a partir de meus conhecimentos artesanais, um modo de analisar as práticas pedagógicas das professoras<sup>2</sup> que participaram do curso de aperfeiçoamento do UNIAFRO, buscando saber quais recursos cada professora utilizou para envolver seus alunos em suas propostas pedagógicas, visando à Lei 10.639/03. Por isso, valho-me dessa analogia entre os materiais pedagógicos e os materiais de costura, para mostrar a importância dos artefatos culturais distintos que os professores podem utilizar com os pequenos em suas contações de histórias.

Sendo assim, este Trabalho de Conclusão de Curso centrou-se na Temática da Igualdade Racial no ambiente escolar a partir das seguintes inquietações: Como trabalharam professoras de escolas da rede pública do Estado do Rio Grande do Sul para dar conta da Lei 10.639/03 em sala de aula de educação infantil? Qual conceito de raça e racialidade perpassam os fazeres das professoras do curso UNIAFRO<sup>3</sup>? Quais as práticas pedagógicas usadas como estratégias por professoras de

---

<sup>2</sup> Professora(s): neste trabalho estarei referindo-me ao grupo analisado composto apenas por professoras mulheres.

<sup>3</sup> Curso de aperfeiçoamento de professores da rede pública de ensino – Políticas de promoção da igualdade racial na Escola - com o objetivo de qualificar a educação antirracista nas escolas públicas do Rio Grande do Sul, visando no atendimento da lei 10.639/2003.



educação infantil para construir a igualdade racial entre os sujeitos que integram o ambiente escolar?

Após realizar levantamento das atividades<sup>4</sup> produzidas por professoras do curso UNIAFRO no ano de 2014, passei a analisar como catorze professoras utilizaram a Literatura Infantil para tratar de uma educação antirracista com as crianças pequenas de suas salas de aula. Como o uso desse gênero textual veio a contribuir com as atividades pedagógicas das professoras da educação infantil, pois segundo Bischoff (2013):

[...] o trabalho com literatura na Educação Infantil já pode ser antecipado naquilo que prevê a Lei 10.639, que obriga o ensino das culturas afro nas Séries Iniciais, possibilitando que essas discussões já sejam feitas com as crianças menores e, que essas mudanças tenham a possibilidade de serem levadas a termo já na infância. BISCHOFF (2013, p. 43).

Dessa forma, o uso de livros de literatura infantil na sala de aula contribui para a discussão de questões que versam sobre a racialidade atraindo os olhares das crianças “através do lúdico, da literatura infantil, da brincadeira, do faz-de-conta, tão presentes no trabalho diário com a educação infantil” (Bischoff, 2013, p. 43).

## 1.1 DANDO OS PRIMEIROS PONTOS

[...] a semelhança com o tecido não é casual. A palavra texto provém do termo latino *texere* (construir, tecer). Em sua forma flexionada, *textus* também era usado como substantivo e significava 'maneira de tecer', 'coisa tecida' ou 'estrutura'. Ao longo dos anos, adquiriu os sentidos de 'tecelagem', 'estruturação de palavras', ou 'composição literária'. Você já parou para observar a estrutura dos tecidos? São linhas que se entrelaçam e formam uma trama. Assim também acontece com os textos, que são trançados e costurados por palavras (SILVA, 2013)<sup>5</sup>.

E, foi pensando nessa tessitura, que me propus entender e, também, atender às minhas inquietações referentes ao ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas instituições públicas de educação infantil, a partir do Curso de

---

<sup>4</sup> Refere-se ao número total de trabalhos realizados pelas professoras de Educação Infantil, sendo dezenove no total e catorze desses trabalhos analisados.

<sup>5</sup> O excerto desse texto é originado de uma reportagem publicada no Diário Catarinense, publicado em maio de 2013.

Extensão UNIAFRO/UFRGS que vem trabalhando com a proposta de uma educação antirracista na formação de professores das escolas públicas do Rio Grande do Sul. Atendendo uma chamada de promoção de atividades propostas pelo catálogo de cursos RENAFOR/SECADI do MEC, onde estaria incluso o curso UNIAFRO.

## 1.2 ESCOLHENDO O TEMA

A escolha do tema foi se constituindo durante a participação como Bolsista de Iniciação Científica (IC) na Pesquisa com Crianças “Negritude, raça e embelezamento: sobre a discursividade das crianças da educação infantil” e, posteriormente, no Projeto de Extensão UNIAFRO - Curso de Formação de Professores para uma Educação Antirracista - no período de quase dois anos, cujas questões étnico-raciais sempre estiveram latentes. A partir da inserção na discussão das pesquisas com crianças e do tema que versa sobre a educação antirracista, fui estabelecendo uma aproximação com o assunto e, aos poucos, mantendo afinidade com os estudos e leituras referentes à temática.

Nessa experiência, meu interesse foi se fortalecendo desde o momento em que a Lei 10.639/03 tornou legal o ensino de História e da Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas, questionando-me sobre como professores poderiam tratar esse assunto com crianças de turmas de educação infantil utilizando práticas pedagógicas que possibilitassem a busca de uma educação antirracista com os pequenos e quais estratégias poderiam ser organizadas para atrair a atenção dessas para as atividades sobre esse assunto. Como nos ensina RAMOS (2014):

[...] a escola vem sendo demandada para a criação de ações pedagógicas capazes de destacar a diversidade em sua perspectiva etnicorracial, o que exige a visibilidade do negro e da história e cultura africana e afro-brasileira através de vários artefatos (brinquedos, livros, filmes) [...] (RAMOS, 2014, p. 53).

Sendo assim, cabe ao professor<sup>6</sup> criar uma ambiência nas salas de aula, visibilizando as questões raciais existentes no espaço escolar e, dessa maneira, ensinar sobre a cultura africana e afro-brasileira para seus alunos.

---

<sup>6</sup> Professor(es) - Estarei referindo-me a professores e professoras não às professoras da pesquisa.

### 1.3 APRESENTANDO A TEMÁTICA

Este trabalho foi se configurando a partir das minhas intenções em aprofundar meus conhecimentos acerca da Temática da Igualdade Racial no ambiente escolar. Minha iniciação com essa aprendizagem foi se constituindo com a participação no grupo de pesquisa do qual faço parte desde 2013, onde aconteceram os primeiros contatos com os estudos na linha de pesquisa Estudos sobre Infâncias e, conseqüentemente, o estudo que versa sobre a Lei 10.639/03 instituindo o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas públicas do Rio Grande do Sul, através do Curso de Aperfeiçoamento UNIAFRO, como referi anteriormente.

A abordagem da Lei 10.639/03 se deu no Curso de Aperfeiçoamento - Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola - através do trabalho realizado com professores das escolas da rede pública do Estado do RS para uma educação antirracista. O referido curso ocorreu à distância no ano de 2014, em sua segunda edição, com início em Agosto e término em Novembro do mesmo ano, abrangendo dez cidades-polo do Rio Grande do Sul. Esse curso foi ministrado por uma equipe de cinco professoras Mestras e Doutoradas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

### 1.4 DAS QUESTÕES MOTIVADORAS AOS OBJETIVOS

Tendo em vista a potencialidade da leitura interativa<sup>7</sup> na sala de aula com o uso da Literatura Infantil, de que maneira professoras da educação infantil abordaram a lei 10.639/03 em suas práticas pedagógicas para estabelecer a igualdade racial entre seus alunos? Essa foi uma questão que motivou esta pesquisa, sendo assim, outras inquietações surgiram, quais sejam:

- 🚩 Que estratégias de trabalho as professoras de educação infantil utilizaram em suas práticas pedagógicas para o trabalho cotidiano de uma educação antirracista?

---

<sup>7</sup> As leituras interativas na sala de aula são intervenções prévias, inferências que o (a) professor (a) realiza no decorrer da leitura valendo-se de boas perguntas, permitindo dessa forma a participação do aluno no decorrer da contação.

- 🚩 Como organizaram os materiais pedagógicos para trabalhar esse tema com as crianças?
- 🚩 Em que medida o uso da literatura infantil foi potencializado para atender à busca de uma educação igualitária com crianças?

**A pesquisa teve como objetivo geral:**

- 🚩 Investigar como trabalharam professoras de escolas da rede pública do Rio Grande do Sul para dar conta da Lei 10.639/03 em sala de aula de educação infantil e quais as práticas pedagógicas usadas como estratégias para construir a igualdade racial entre os sujeitos que integram esse ambiente.

Decorrentes desse objetivo geral propõem-se os seguintes objetivos específicos:

- 🚩 Problematizar a Literatura Infantil Afro-brasileira como possibilidade para as práticas pedagógicas das professoras em sala de aula de Educação Infantil;
- 🚩 Contribuir para a valorização da Literatura Infantil Afro-brasileira nas práticas pedagógicas no cotidiano das salas de aula com crianças pequenas;
- 🚩 Constituir desde a educação de crianças pequenas uma educação antirracista.

## 2 ALINHAVOS E COSTURAS

Neste capítulo, apresento o referencial teórico, bem como a metodologia utilizada para compor esse Trabalho de Conclusão de Curso.

### 2.1 REFERENCIAL TEÓRICO - modos de trançar os textos e costurar palavras

Para desenvolver esse trabalho, apoio-me nos estudos de Kaercher e Ramos (2014), onde elucidam que "a educação antirracista é possível, necessária e urgente constituindo-se como um dos grandes desafios da escola contemporânea (p.87)". E, é diante desse desafio, especialmente na educação infantil, que me propus buscar respostas às minhas inquietações a partir das práticas pedagógicas realizadas por professoras pesquisadas, baseadas na Lei 10.639/2003, a qual institui o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira em salas de aula, a partir de suas participações como alunas no Curso UNIAFRO/UFRGS. Ainda para as autoras (2014), é necessário:

[...] pensar teorias e artefatos culturais que possam dar a nós, professores/as, ferramentas para a construção de uma ação pedagógica antirracista posicionada e propositiva. Postulamos, pois, em defesa da construção de práticas pedagógicas sensíveis à diversidade étnico-racial, enfatizando a proposta de constituição de uma educação antirracista (KAERCHER e RAMOS, 2014, p. 87).

Discutir sobre esse tema tem sido um tabu nas escolas, pois até então professores sentem dificuldades de abordar o assunto com seus alunos e, mesmo entre seus pares. Para isso, os meios utilizados para tentar dar conta desse obstáculo para essas docentes, a partir do UNIAFRO, tem sido a utilização de alguns artefatos culturais como: bonecos negros, livros de literatura afro-brasileira, filmes, desenhos, dentre outros materiais, as quais fazem uso para tecer a africanidade no espaço escolar.

Segundo Silva (2003), "a expressão africanidade refere-se às raízes da cultura brasileira que têm origem africana", ou seja, o modo de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprio dos negros brasileiros [...]. Ainda para a autora:

[...] estudar africanidades brasileiras significa estudar um jeito de ver a vida, o mundo, o trabalho, de conviver e lutar por sua dignidade, próprio dos descendentes de africanos que, ao participar da construção da nação brasileira, vão deixando nos outros grupos étnicos com que convivem suas influências, e, ao mesmo tempo, recebem e incorporam as daqueles. (SILVA, 2003, p. 26)

A partir dessa influência africana, as professoras buscaram criar uma ambiência nos espaços educativos inserindo a cultura africana e afro-brasileira em sala de aula utilizando diversos materiais, como os mencionados acima, em suas práticas pedagógicas.

Para Ramos (2014, p.55), "a ausência de elementos africanos e afro-brasileiros na sala de aula produz o desconhecimento, o silenciamento e, ainda, a negatização da história e cultura negra por parte dos alunos e professores/as". A autora ainda destaca que: "essa ambiência racial na escola passa pelo reconhecimento das africanidades (elementos africanos que estão presentes em nosso cotidiano), a fim de propiciar a produção de práticas pedagógicas comprometidas com a construção da igualdade racial" (RAMOS, 2014, p. 55).

Pensando na importância dessa ambiência em sala de aula, as professoras do curso estudado fizeram uma seleção de materiais a serem utilizados em suas ações pedagógicas com as crianças, como mostrarei mais adiante sobre os trabalhos das professoras na educação infantil.

Para dar conta de uma ambiência racial na sala de aula com pequenos, Dornelles (2013) tem utilizado, em suas pesquisas, os bonecos negros, como instrumento que ajudam a suscitar nas crianças modos de pensar sobre seu corpo negro, sobre o corpo do outro que é diferente do seu (um corpo que é branco, outro que é negro, outro que é mestiço, etc.). Artefatos que possibilitam a construção de caminhos na tentativa de obter pistas sobre como se produz nas crianças suas subjetividades negras ou, ainda, como elas entendem o que é ser negro/negra.

Dornelles et al (2013) afirmam ainda que a construção de uma ambiência antirracista na educação infantil se tornou possível quando:

Em nossas pesquisas, vimos tomando como lócus de atuação a escola, mesmo dando conta de que hoje ela não é mais o único local de aprendizagem, mas que ocupa, ainda, um lugar importante na constituição do sujeito infantil, já que é o espaço onde acontece a interação significativa na vida das crianças que dela fazem parte. Para alguns autores, o ambiente escolar é o segundo agente socializador da infância e o mais importante depois da família. Além de ser um ambiente propício a novas descobertas e

aprendizagens, constitui uma excelente oportunidade de contato com um número significativo de crianças, em uma determinada organização, agrupadas por características comuns entre pares. (DORNELES et al, 2013, p. 322).

Portanto, a partir do que apontam as autoras, é necessário que as professoras, como observei na pesquisa, possam criar espaços e instrumentos pedagógicos com e para as crianças, e que esses contemplem materiais que apresentem aportes diferentes dos comuns na sala de aula, como, por exemplo, livros de literatura infantil que apresentem personagens negros positivados.

Em se tratando de uma educação antirracista, Kaercher e Ramos (2014) assinalam que:

Para educar um modo antirracista, é preciso investimento de tempo e dinheiro (ler sobre o tema, fazer cursos de formação, preparar materiais didático-pedagógicos inclusivos na perspectiva étnico-racial, tais como jogos, livros, brinquedos etc.), ter vontade política (assumir perante a comunidade escolar que há racismo na instituição, que ele provoca sofrimento presente e futuro uma vez que, se as crianças não forem educadas de um modo antirracista, continuarão a ser racistas e a promoverem e serem vítimas de sofrimento) e, sobretudo, aceitar que essa tarefa deve ser alvo de um compromisso de toda a escola e da comunidade escolar [...]. (KAERCHER e RAMOS, 2014, p.92-93).

Com esse investimento será possível dar os primeiros passos nessa caminhada que ainda é recente nas escolas públicas e privadas, mas para isso, "É preciso que a escola possibilite às crianças essas reflexões acerca de si e dos outros, permitindo que elas se constituam enquanto seres humanos conscientes de suas responsabilidades sociais e de suas possibilidades transformadoras" (Bischoff, 2013, p. 41).

Sabemos que esse não é um trabalho de competência apenas da escola, precisamos também encontrar outras maneiras para que a educação antirracista se dissemine por outros cantos da sociedade, começando pelos nossos lares, atingindo a mídia, as canções, o cinema, as revistas, os desenhos, etc.

Buscando dar conta das possibilidades de constituição de uma educação para a racialidade, investiguei os trabalhos realizados com professoras de escolas públicas do Estado, através do UNIAFRO. A partir deles, vislumbrei um modo de pensar sobre o que investigar em meu Trabalho de Conclusão de Curso, analisando as caminhadas das professoras em suas escolas, na busca de tornar visíveis os

modos de trabalhar sobre a racialidade, com crianças no cotidiano escolar da educação infantil.

Conforme nos argumenta Kaercher (2011), o conceito de racialidade explica que esta é: “[...] um conjunto de discursos e práticas que imprimem aos corpos, através de sentidos presentes em diferentes práticas culturais, marcas que fundem hierarquização de diferenças e a implementação de desigualdades”. (KAERCHER IN: KAERCHER e TONINI, 2011, p.100).

Dessa forma, fiquei atenta, busquei investigar, com um olhar mais cuidadoso, como professoras e crianças lidavam com as diferenças no ambiente escolar. Como, através desses discursos e práticas realizadas pelas professoras, essas foram visibilizando e inserindo a figura do negro nos recursos utilizados em suas atividades pedagógicas. Quais os materiais usados pelas professoras e como de algum modo corroboravam o que afirmam Dornelles et al (2013) pois:

É através desses artefatos que procuramos ser sensíveis às falas das crianças e nortear os objetivos da pesquisa. Por meio de suas vozes obtivemos os efeitos dos impactos que esses artefatos, utilizados como objeto de estudo, sofrem e o que se externaliza nas vozes das crianças. (DORNELES et al, 2013, p326).

Ainda sobre os artefatos levados para as crianças pequenas, Dornelles (2014, p.65), aponta que: “Brincar, ver desenhos, ler livros, assistir filmes com um mesmo tipo de personagem vêm produzindo efeitos de “verdade” sobre raça nas crianças, ou seja, de algum modo se ensina que há corpos belos e melhores [...]”.

Nesse contexto, Ramos (2014, p. 53) destaca que: “através de vários artefatos (brinquedos, livros, filmes) e discursos, que vão cada vez mais ocupando o cotidiano escolar”, é possível imprimir aos corpos as práticas realizadas através de artefatos que visibilizem os personagens dos livros.

Para dar conta de minhas inquietações, nesta análise investigativa, cito também o conceito de literatura infantil, baseado nos estudos de Silveira (2012). Sendo assim, concordo com sua posição ao referir-se que:

[...] raça e etnia não são vistas como “atributos naturais”, mas como construções culturais que se instituem nos mais variados artefatos – incluindo os livros de literatura, que contribuem para a recriação das identidades raciais dos sujeitos que com eles interagem. (SILVEIRA, 2012, p.188).



Ainda para as autoras (2012, p.192), “a representação étnico-racial não se dá a ler de imediato: não é percebida em si mesma – quer no texto escrito, quer na imagem – mas pode ser percebida à medida que “educamos” o olhar para lê-la”. Também para Bischoff (2013):

A literatura infantil é amplamente utilizada em classes de Educação Infantil com dois propósitos muito distintos, o de recreação, divertimento, como mais um recurso para os momentos de lazer da criança nesse espaço, e também como recurso pedagógico, através do qual as professoras incentivam o hábito da leitura, promovem o letramento dos que ainda não são alfabetizados, proporcionam a interação dos pequenos com as gravuras, incentivam as interpretações textuais através de questionamentos e trabalhos, na maioria das vezes, artísticos. (BISCHOFF 2013, p.37).

A literatura infantil apresentada nesse trabalho é utilizada como um instrumento de análise, problematizando-se de que maneira as professoras a utilizaram com seus alunos, para dar conta de fazer emergir as questões que tratam sobre raça no meio escolar. Esse recurso pedagógico “[...] age, entre as crianças pequenas, como uma forte pedagogia cultural, ensinando-as sobre comportamento, sobre formas de ser criança e, com isso, formas de ser sujeito em nossa sociedade [...]” (idem., p.38).

## 2.2 CONHECENDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS: entrelaçando linhas e formando tramas

Esse estudo se caracteriza como uma pesquisa documental com abordagem qualitativa, “Embora pouco explorada não só na área da educação como em outras áreas [...]”, (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p.38) nele tento assegurar o que afirma Godoy (1995, p.21), “enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques”. Nesse sentido, a pesquisa documental tem importante contribuição para a constituição desse trabalho, pois “[...] os documentos são normalmente considerados importantes fontes de dados [...], merecendo atenção especial” (Godoy, 1995, p.21). E, é com o

uso desses documentos que construo meu Trabalho de Conclusão de Curso buscando usar da criatividade sobre a qual nos assinala a autora.

Segundo Lüdke e André (1986, p.39), por se tratar de uma pesquisa documental, analisar os materiais desenvolvidos pelas professoras dão "mais estabilidades aos resultados". Ainda para as autoras:

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte "natural" de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.39).

Sendo assim, o material utilizado para a análise partiu do levantamento de dados realizado através dos trabalhos produzidos pelas professoras cursistas do UNIAFRO, no final do ano de 2014. Fiz uso não só de suas conclusões de trabalhos finais do curso, mas também de suas apresentações em *Power Point* e, dos textos produzidos pelas mesmas, desde a Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos, totalizando cinquenta e cinco trabalhos. Desse montante, pude constatar que dezenove professoras da Educação Infantil utilizaram, em suas práticas de sala de aula, bonecas negras feitas de pano; apresentaram suas discussões em aula acerca do tema; mostraram o efeito de seu trabalho com os familiares dos alunos. Fizeram uso de contações de histórias com personagens negros, sendo esta a ação mais recorrente entre as práticas pedagógicas realizadas nos grupos de crianças, ou seja, catorze professoras utilizaram esse recurso de trabalho com as crianças entre 4 e 5 anos idade.

Dessa maneira, a presente pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso elenca as práticas pedagógicas realizadas pelas professoras de Educação Infantil fazendo uso da Literatura Infantil Afro-brasileira, com vistas a uma educação antirracista. O resgate da discussão proposta pelas professoras para a realização dessa investigação me remete à Munanga (2005), quando afirma que:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os

segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional. (MUNANGA, 2005, p. 16)

Resgatar a memória do trabalho das professoras foi entender que, talvez por meio delas, que as professoras compreenderam que "as crianças que aprendem a conviver umas com as outras, têm contato mais direto com as diferenças, expressam e adquirem valores". (BRASIL, MEC, 2014, p.16). E como nos ensinava Mandela<sup>8</sup>(s.d., s.p):

Ninguém nasce odiando outra pessoa por causa da cor da sua pele, ou de suas origens, ou de sua religião. As pessoas são ensinadas a odiar, e se são ensinadas assim, elas podem aprender a amar, porque o amor chega mais naturalmente ao coração do homem que o seu oposto. (MANDELA, s.d., s.p.).

Na busca de um sujeito mais humano, como afirma o autor, é por meio das histórias infantis, que as professoras mostraram que as mudanças foram se efetutando em suas salas de aula. E de algum modo, também ia se implementando a lei 10.639/03 nas salas de aula de Educação Infantil. Para isso, as professoras envolvidas no curso, preocuparam-se com questões que possibilitassem às crianças uma educação antirracista no ambiente escolar.

---

<sup>8</sup> Considerado como o mais importante líder da África Negra, ganhador do Prêmio Nobel da Paz de 1993.

### 3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS - um caminho para uma educação antirracista na Educação Infantil

A contação de histórias foi no curso estudado uma prática pedagógica de sala de aula da Educação Infantil, muito recorrente, pois muitas das professoras buscaram com essa experiência fazer com que as crianças pequenas compreendessem as questões que versavam sobre raça no ambiente escolar. Neste sentido, as crianças que estão em processo inicial de formação, tem a possibilidade de aprender sobre esse tema e tal experiência na busca de uma educação mais humana na infância, sendo assim, relembra Agamben (2005), quando assim se manifesta:

[...] a infância é antes de uma etapa, uma condição da experiência humana: infância é tanto ausência, quanto busca de linguagem; só um infante se constitui em sujeito da linguagem e é na infância que se dá essa descontinuidade especificamente humana entre o dado e o adquirido, entre a natureza e a cultura. Entre as verdades e as rupturas (AGAMBEN, 2005, p.5).

Buscando dar conta desse tipo de educação, nas atividades realizadas com as crianças, as professoras utilizaram alguns livros de literatura Infantil Afro-brasileira que abordavam personagens negros como protagonistas. Em grande maioria foram usados os livros: *Tanto tanto* de Trish Cooke, *Menina bonita do laço de fita* de Ana Maria Machado, *O cabelo de Lelê* de Valéria Belém, dentre outros.

Nas próximas sessões descreverei brevemente cada história, fazendo uma costura com as atividades pedagógicas realizadas pelas professoras com as crianças apresentadas no capítulo intitulado: "O TRABALHO DE PROFESSORAS EM SALA DE EDUCAÇÃO INFANTIL", onde farei minhas análises.

#### 3.1 DE ONDE VÊM TANTOS CACHINHOS?

##### **O cabelo de Lelê**

A história, escrita por Valéria Belém e ilustrada por Adriana Mendonça, publicado pela Companhia Editora Nacional foi uma das mais recorrentes entre as

obras literárias apresentadas nas atividades das professoras em sala de aula. Discorre sobre uma menina que não gosta dos seus cabelos cacheados ao perguntar: "De onde vêm tantos cachinhos?" Essa também não entende porque tem cabelo desse jeito ao questionar-se novamente: "De onde vêm tantos cachinhos?".

A menina não satisfeita com suas indagações sem respostas resolveu buscar soluções a seus questionamentos. Muito sabida, certa de que encontraria a resposta, ela descobre um livro que conta suas origens e fica feliz com o que vê, acha nesse a sua herança africana.

Das catorze professoras cursistas que escolheram a literatura infantil para tratar sobre o tema da racialidade com as crianças, três

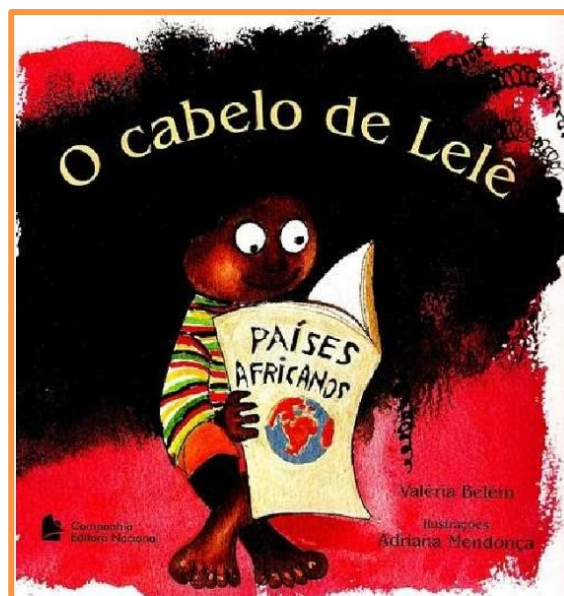


Figura 1 - "O cabelo de Lele"

elegeram "O cabelo de Lele". Usam tal livro em suas práticas pedagógicas para tratar com as crianças as questões sobre o racismo. Nesse caso, a contação de histórias colaborou com as ações educativas dessas professoras, principalmente, quando elas se deparavam com situações de preconceito e racismo entre as crianças da sala de aula.

### 3.2 POR QUE VOCÊ TEM A COR TÃO BONITA?

#### Menina bonita do laço de fita

O livro, escrito por Ana Maria Machado e ilustrado por Claudius, foi publicado pela Editora Ática, descreve a história de um coelho branco que fica fascinado por



Figura 2 - "Menina Bonita do laço de fita.

uma menina negra e, no decorrer da história, o coelho pergunta várias vezes por que ela tem a cor tão bonita, pois sua vontade é ter filhos daquela cor. A cada pergunta do coelho a menina lhe dá uma resposta diferente, até sua mãe interferir dizendo-lhe que a menina é daquela cor porque sua avó era negra e seu bisavô também o era. Sabendo dessa história, por admirar a cor da menina e ter um desejo de também ter aquele tom de pele, o coelho procura uma coelha pretinha para casar-se e ter seus coelhinhos.

A autora dessa obra chama atenção e valoriza o ser negro, quando o coelho diz: “Menina bonita do laço de fita, qual teu segredo para ser tão pretinha?”.

As professoras, ao apresentarem essas narrativas na sala de aula, visavam trabalhar com as crianças sobre suas identidades, bem como mostrar-lhes o quão distintas são as pessoas ao nosso redor. Dessa forma, preocuparam-se em expor artefatos culturais que proporcionasse o lúdico, bem como fomentar junto às crianças a discussão sobre o que a autora buscava discutir através da história.

No próximo capítulo e para responder às minhas inquietações, sobre como trabalharam professoras de escolas da rede pública do Estado do Rio Grande do Sul para dar conta da Lei 10.639/03 em sala de aula de educação infantil, busco discutir quais práticas pedagógicas foram usadas por professoras de educação infantil, como estratégias para construir a igualdade racial entre os sujeitos que integram suas salas de aula. Inicio apresentando as metodologias utilizadas por essas docentes que abordaram as obras literárias acima citadas, obras mais recorrentes entre os livros utilizados para seu trabalho com as crianças.

## 4 O TRABALHO DE PROFESSORAS EM SALA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Nesse capítulo, defino os critérios de escolha dos documentos a serem investigados, analiso os dados originados para a pesquisa, baseando-me nos arquivos produzidos pelas professoras através de seus - *Power Point*. Discorrerei sobre os fazeres das professoras pesquisadas, as quais utilizaram a literatura infantil como proposta pedagógica para abordar as relações étnico-raciais na sala de aula com as crianças.

### 4.1 SELECIONANDO OS MATERIAIS PARA COSTURA

Para que essa tarefa começasse a se concretizar, primeiramente levei em consideração os níveis abordados no UNIAFRO quais sejam: Educação Infantil, Anos Iniciais, Anos Finais e Ensino Médio. Por ter observado, através do levantamento de dados na pesquisa, no que se refere às atividades mais referenciadas pelas professoras, elenco o trabalho realizado com as crianças pequenas na Educação Infantil, etapa escolar que, de alguma forma, me acompanha no curso de Pedagogia por meio das atividades de pesquisa em Iniciação Científica e agora nessa trajetória final de tessitura do Trabalho de Conclusão de Curso.

A partir dos trabalhos que foram produzidos pelas professoras, pude verificar que utilizaram o gênero textual - literatura infantil, bem como filmes e lendas que se referiam ao tema da pesquisa, quais sejam:

- ✚ O cabelo de Lelê (3 professoras);
- ✚ Menina bonita do laço de fita (3 professoras);
- ✚ A Princesa e o Sapo (2 professoras);
- ✚ Pretinho, meu boneco querido (1 professora);
- ✚ Dandara e a princesa perdida (1 professora);
- ✚ Tanto-Tanto de Trish Cooke (1 professora);
- ✚ Saci Pererê (1 professora);
- ✚ O Negrinho do pastoreio (1 professora);
- ✚ Histórias contadas por Griot da comunidade (1 professora).

Catorze professoras abordaram o tema racialidade em sala de aula com as crianças, utilizando distintos materiais, sejam eles: bonecos de pano, filmes, cartazes e livros de literatura infantil. Dessas, seis selecionaram as histórias "O cabelo de Lelê" e "Menina bonita do laço de fita", ou seja, tais histórias seriam as narrativas mais visibilizadas nas suas práticas pedagógicas em sala de aula.

#### 4.2 CONTANDO OUTRAS HISTÓRIAS - a literatura afro-brasileira na educação infantil

A literatura afro-brasileira ganhou destaque nas aulas das professoras de educação infantil. Por meio dessa, observa-se que foram contadas às crianças histórias com personagens negros como protagonistas em suas narrativas literárias e assim foi discutido e tratado com os pequenos o tema sobre raça e racialidade.

Nos trabalhos analisados, os livros "O cabelo de Lelê" e "Menina bonita do laço de fita" foram os instrumentos mais evidenciados para que se abordasse o tema, tendo em vista que os mesmos dão visibilidade aos personagens negros.

A partir dessas duas histórias iniciarei as análises que irão compor meu Trabalho de Conclusão de Curso.

#### 4.3 ENTRE METODOLOGIAS, OBJETIVOS E APRENDIZAGENS - professoras também aprendem ensinando

Os retângulos abaixo apresentam as seis professoras analisadas e a metodologia utilizada para tratar sobre racialidade na Educação infantil, trabalhos apoiados nos livros: "O cabelo de Lelê" e "Menina bonita do laço de fita". Destacarei o que objetivaram as referidas professoras com suas atividades pedagógicas, bem como suas aprendizagens (a das professoras cursistas) com essas abordagens.

Para cada professora elegi um nome africano. Esses nomes foram escolhidos de acordo com seus significados, com isso busquei, para dar vida a esse trabalho, nominá-las como: Kênia<sup>9</sup>, Zaila<sup>10</sup>, Malika<sup>11</sup>, Shaira<sup>12</sup>, Niara<sup>13</sup> e Zarina<sup>14</sup>.

---

<sup>9</sup> Kênia - é o nome de um país africano, suas variantes são Kenya e Kenna, significa pequena rainha.

<sup>10</sup> Zaila - significa a feminina.



## Kênia

A professora Kênia utilizou uma boneca negra com as características da Lelê, protagonista do livro, seus alunos poderiam explorá-la tocando, pegando e abraçando. Após tal exploração foi sugerido que lhe dessem um nome.

A narração da história se deu através de fichas com imagens, à medida que a contava, eram colocadas como papeletas em um varal, onde todas as crianças pudessem visualizá-la. Ao término da contação, a professora posicionava o varal no chão permitindo que os alunos manuseassem as imagens, interagindo a seu modo com a personagem da história.

A partir dessa potente ferramenta, a professora teve como objetivo tratar de um tema, ainda muito delicado para a escola - a diversidade racial. Para entender essa questão, busco apoio em Kaercher (2010), quando nos lembra que:

[...] a validade de uma prática de leitura só pode ser pensada se atentarmos para as especificidades do aluno com o qual estamos trabalhando. Cada grupo, em cada série (ou ciclo), com a sua experiência específica de leitura, necessita de avaliação e análise quando pensamos as ações pedagógicas possíveis para estimulá-lo e conduzi-lo ao patamar de leitores proficientes e felizes. (KAERCHER 2010, p.54).

Pensando na especificidade de seus alunos, a professora Kênia objetivou com seu trabalho:

- 🚩 Possibilitar o desenvolvimento de valores e consciência sobre a diversidade étnica, o respeito ao outro e a si mesmo, a valorização da diversidade sociocultural, bem como a convivência solidária para a constituição de uma sociedade mais igualitária.

Com a participação no UNIAFRO, a professora percebeu que poderia mudar suas práticas pedagógicas integrando cada vez mais a implementação da Lei

<sup>11</sup> Malika - significa doce princesa.

<sup>12</sup> Shaira - nome para menina de origem feminina que significa "poetiza".

<sup>13</sup> Niara - nome de origem Swahili que significa "aquela que tem grandes propósitos".

<sup>14</sup> Zarina - significa mulher de ouro.

10.639/03 através de atividades cotidianas e não apenas em datas como o Dia da Consciência Negra.

No decorrer do curso e fazendo uso das discussões do mesmo com as crianças, a professora Kênia começou a se dar conta de que o entendimento e respeito ao diferente de si vinha mudando em sua sala. Ou seja, dando visibilidade a esse tema, colocando-o em discussão com as crianças, observou que muitas delas passaram a interagir com os colegas mais tímidos, com os colegas negros. As bonecas negras que sempre ficavam dentro da caixa também passaram a entrar nas brincadeiras das crianças.

A partir do uso do livro "O cabelo de Lelê", a professora conseguiu aproveitar os materiais disponibilizados em sua sala e a pensar diferentemente do que pensava sobre sua prática pedagógica, quando o tema eram as questões sobre raça e educação de crianças.

#### Zaila

A professora Zaila optou por levar para seus alunos o mesmo livro, mas em uma versão digitalizada, onde cada lâmina era cuidadosamente projetada, possibilitando que as crianças acompanhassem a leitura e a exploração da história. No decorrer da discussão sobre a obra, alguns alunos se deram conta de que havia uma colega com as características da Lelê, personagem central da história.

Posteriormente, a professora dividiu a aula em dois momentos. No primeiro, pediu para que os alunos registrassem por meio de desenhos a personagem Lelê com suas características. Em seguida, solicitou que produzissem um texto coletivo, onde poderiam expor os novos atributos da personagem.

Sendo assim, a professora Zaila procurou através de seu objetivo:

- 🎯 Proporcionar a valorização da raça negra em todos os seus aspectos, bem como sua importante contribuição para a nossa cultura.

Considerou importante colocar a positividade da raça negra através dos cabelo de Lelê, com vistas a mostrar às crianças aquilo que Dornelles et al (2013) apontam que:

Nosso corpo é nossa identidade, nossa personalidade, na qual desejamos torná-lo único, com seus defeitos, virtudes, caracterizando nosso eu, mas, ao mesmo tempo, ele faz parte também de um corpo comum, pois é semelhante a diversos outros corpos que são produzidos nessa cultura. Sua produção se opera, simultaneamente, entre o coletivo e o individual. (DORNELES et al, 2013, p.323).

A identidade das crianças negras é tratada pela professora através dessa história, principalmente quando sugere aos alunos que reforcem as características de Lelê por meio de seus desenhos, discussões e arte.

Como aprendizagem para si, a professora Zaila durante sua participação no UNIAFRO constatou que: *"apesar de inúmeras estratégias e leis para acabar com o preconceito, ele ainda permanece na nossa sociedade"*. Isso nos mostra que há muito a ser trabalhado e debatido no ambiente escolar.

Malika

Para a professora Malika foi indispensável utilizar como instrumento de apoio a contação da história de Lelê. A partir desta, propôs aos alunos que fizessem desenhos sobre os penteados da personagem. Nessa atividade, a professora fez com que as crianças percebessem em suas produções a diversidade de penteados que podem ser inventados nos cabelos-afro, afirmando e valorizando a identidade negra. Segundo Dornelles (2015, p.9, no prelo), o "uso da literatura serviu como uma estratégia que possibilitou emergir discussões, sentimentos, sensações, o pensar sobre si e o outro [...]".

Para isso, Malika buscou em seus objetivos:

- 🔍 Entender de que forma as crianças pensam sobre as diversas tonalidades de pele.

Neste caso, a professora, por meio dos desenhos das crianças, buscou entender o que os pequenos pensam sobre a diversidade dos tons de pele, propondo a seus alunos desenhar e pintar as variedades de penteados e, ainda, fazer com que percebessem em suas produções as diversidades dos tons de pele de cada pertencente do grupo.

Nessa perspectiva, Bischoff (2013), em sua Dissertação de Mestrado, nos ressalta a importância de fazer atividades que identifiquem os traços de cada um através de desenhos, pois dessa forma vão percebendo que cada um tem um jeito diferente "por conta de seus pais, avós e bisavós" Bischoff (2013, p.75).

Em contrapartida, Vieira (2014), ao tratar dos tons de pele fazendo uso de materiais gráfico-plásticos como uma paleta de cores que ia do branco ao preto e da literatura infantil, usou tais materiais para discutir com seus alunos a cor de pele que compunha as crianças em sala de aula. Com tal trabalho a autora revela que:

Assim como a literatura os materiais gráfico-plásticos auxiliam em outras formas de expressão, pois se na literatura ouvimos e vemos, sentimos com os materiais podemos capturar pensamentos, assim, optei por uma parceria de sensações a fim de tornar a pesquisa inusitada. (VIEIRA, 2014, p.33)

Vieira (idem.), em seu trabalho mostra que:

Com essa proposta, em uma turma de 29 alunos, encontramos vinte e uma cores de pele distintas com nomes diferentes. Leonardo disse: "Agora sim dá pra ver que a gente é diferente mesmo", Herycka acrescentou: "A Profª sempre tinha dito, mas hoje que eu vi". (VIEIRA, 2014, p.40)

Também para Dornelles (2014):

[...] é importante que professores de crianças problematizem, examinem o como a constituição das subjetividades infantis se relaciona com aquele que têm cabelo crespo, o tom de pele mais bege, mais marrom, mais preto, e o quanto isso está interligado à continuada elaboração de um discurso sobre diferenças raciais. (DORNELLES, 2014, p.65).

No exercício de descobrir as cores de peles e os tipos de cabelos, a professora encontrou uma maneira que fizesse com que esses alunos pudessem afirmar e valorizar sua identidade negra, visualizando e produzindo outros desenhos e penteados. Tal discussão possibilitou que as crianças fossem se dando conta da diversidade dos tons de pele de seus pares e do tipo e possibilidades de penteados

que os cabelos afros poderiam proporcionar às pessoas com cabelo carapinha. Muitas vezes esse tipo de cabelo é desdenhado pelas crianças e professores. De algum modo, discutir sobre esse tipo de cabelo com as crianças possibilita que se trate dos preconceitos que muitos têm quando afirmam ou chamam os negros de “cabelo duro”, “cabelo ruim”, “cabelos sujos que não entra água”.

Zaila considerou muito positivo esse trabalho com as crianças para sua aprendizagem, pois segundo ela: *"proporcionou falar sobre os negros na sala de aula de forma tranquila"*. A partir da maneira lúdica, a professora pode averiguar como as crianças pequenas pensam.

Mesmo com esse trabalho, ainda ficaram alguns questionamentos sobre a indagação de alguns alunos como, por exemplo: *“Por que será que Eduarda acha que não pode ser negro para trabalhar na política?”* e *“Por que uma pessoa com tom de pele mais escuro é feio?”*. *“Será que estas afirmações são passadas pela família ou será que as crianças chegam a estas conclusões sozinhas?”*

Baseados na obra "O cabelo de Lelê", as professoras pesquisadas: Kênia, Zaila e Malika utilizaram em suas metodologias distintas maneiras de trabalhar a racialidade com as crianças, apresentando uma gama de alternativas, ora com livros de literatura infantil, ora com bonecas negras, ou outros artefatos culturais. De algum modo essas encontraram nesses materiais uma maneira de visibilizar e discutir sobre as diferenças raciais em sala de aula de maneira lúdica e positiva.

As professoras buscaram atender seus objetivos levando para a sala de aula outras propostas para se trabalhar sobre raça. Dessa forma os alunos foram se dando conta de que há outros colegas no mesmo ambiente com as mesmas características das personagens dos livros, como nos mostra uma das professoras acima.

Por isso, atento que "a literatura em sala de aula permitiu, então conhecimento de outras perspectivas e também a aquisição de informações de outros contextos". (Silveira, 2012, p.191-192) para se trabalhar a racialidade com as crianças na educação infantil.

Ainda, é possível revelar através da fala de uma das professoras, o quanto "[...] as práticas de leitura diferenciadas e criativas podem acrescentar ludicidade, prazer e eficiência à formação de leitores que ora desenvolvemos em nossas escolas". (Kaercher, 2010, p.53).

Apresento para compor as análises desse TCC, as professoras Shaira, Niara e Zarina que em suas práticas pedagógicas expuseram como artefato cultural o livro de literatura infantil "A menina bonita do laço de fita" da autora Ana Maria Machado.

### Shaira

A professora Shaira organizou as crianças em roda para iniciar a sua contação da história e, assim conversar sobre a mesma. A partir da narração, ela solicitou aos alunos que expusessem por meio de desenhos suas famílias, ou seja, quem eram os membros da sua família, como eram os pais, avós, os tios... Após as crianças desenharem suas famílias com giz de cera em folhas A3, Shaira realizou uma mostra com esses trabalhos. Também solicitou que cada aluno fizesse em papel pardo o contorno do corpo e colocassem suas próprias roupas e características.

Para Shaira, essas atividades tinham como objetivo fazer com que as crianças se retratassem e também a sua família; que se reconhecessem como negras e reconhecessem as diferentes constituições de famílias. A professora, de algum modo, interroga aquilo que observou Engelmann (2014), quando trata de seus estudos sobre a família e as crianças da educação infantil e nos lembra sobre:

[...] colocar em suspenso os modos de ser da família nuclear, branca e heterossexual que esteve tão "encaixada" aos moldes da sociedade e da escola moderna por muito tempo, onde os discursos vigentes davam um suposto ar de uniformidade. Hoje, em um mundo pós-moderno, existem abalos e desencaixes e, como nos diz Giddens (1991), há um deslocamento e uma reestruturação das relações sociais, do tempo e espaço. (ENGELMAN, 2014, p.4)

A professora Shaira percebeu que muitas crianças negras e/ou pardas que estão nesse espaço escolar - sala de aula - não se reconhecem e não são reconhecidas como tal pelos seus pares e, também o mesmo acontece com suas famílias, todos compõem "*corpos invisíveis*". Afirma a professora: "*Educar para a diversidade etnicorracial é trabalhar as diferenças de modo afirmativo, valorizando-as e tornando-as visíveis com respeito e dignidade*". Shaira cita a escola como um

lugar para se buscar a superação, reflexão e intervenção contra o preconceito. Para ela, as práticas pedagógicas precisam visar uma formação humana e devem fazer parte do cotidiano da educação infantil.

### Niara

A professora Niara propôs aos alunos que desenhassem a partir da história *Menina bonita do laço de fita*, uma menina qualquer. Dos 24 alunos que compõem a turma, 6 desenharam meninas negras, os demais fizeram de cores variadas incluindo o rosa, azul, branco da folha e verde. Todos gostaram da história e toda vez que entravam na sala de aula buscavam essa história para contar aos colegas.

Também para Dornelles e Marques (2015, no prelo), o trabalho com essa obra literária possibilitou que:

Nessa experiência, a positividade da personagem negra da história A Menina Bonita do Laço de Fita foi potencializada pela inserção da boneca negra nas brincadeiras cotidianas das crianças. A diferença racial não foi tratada em sua história de sofrimento e escravidão, mas através de seus aspectos culturais, de possibilidades de se apresentar o negro positivado que se mostra na literatura infantil contemporânea, uma vez que a partir daí, foi dado destaque à positividade da cultura e ao modo de vida das crianças quilombolas que estudavam ali. (DORNELLES e MARQUES, 2015, no prelo)

Segundo a professora da turma "*A literatura infantil com personagens é um importante artefato usado na sala de aula como um referencial positivo da figura do negro*", apresenta para a criança outros referenciais de beleza e posição na sociedade. Assim como o livro que apresenta o negro positivado, tal posicionamento também foi observado na pesquisa com bonecos negros, quando na brincadeira com as crianças Dornelles et al (2013) afirmam que:

[...] no brincar das crianças com os bonecos negros foi relevante que se fizesse uso de práticas de estetização que diziam sobre as preferências, atitudes, particularidades de cada boneca. Mostraram-nos o quanto as crianças se identificavam com uma forma de ser belo. Isto constitui um modo de identificação de acordo com a nossa sociedade atual que de certo modo "aprisiona" também as crianças, seus brinquedos e brincadeiras a tais marcadores de moda e embelezamento. (DORNELLES et al, 2013, p. 327).

Como estes marcadores de beleza que aparecem nos livros e nos brinquedos das crianças contribuem para a construção da identidade e para a afirmação da autoestima das crianças negras, em sua turma foram significativos para a obtenção de alguns dos objetivos com esse trabalho.

Niara afirma que a escola é mais "*um espaço sociocultural para se estabelecer diferentes relações*", por isso considera urgente discutir e questionar como se dá o respeito e a valorização das diferenças que adentram as salas de aula. Para ela, a construção da identidade é um longo processo a ser trilhado. A criança se constitui a partir dos espaços em que atua (família, escola, sociedade) e, é nesses diferentes espaços que ela vai constituindo sua identidade e para que isso aconteça conforme Pardo (1996), é necessário:

[...] deixar que o outro seja como eu não sou, deixar que ele seja esse outro que não pode ser eu, que eu não posso ser, que não pode ser um (outro) eu; significa deixar que o outro seja diferente, deixar que o outro seja diferente, deixar ser uma diferença que não seja, em absoluto, diferença entre duas identidades, mas diferença da identidade, deixar ser uma outridade que não é outra "relativamente a mim" ou "relativamente ao mesmo", mas que é absolutamente diferente, sem relação alguma com a identidade ou com a mesmidade (PARDO, 1996, p.154).

### Zarina

Essa professora utilizou o teatro e os fantoches de palito disponíveis na escola, para que as crianças representassem os personagens da história "A menina bonita do laço de fita", contada em sala de aula. Após esse momento, para que as crianças pudessem entender melhor a questão da diversidade e respeitar as diferenças, a professora levou um espelho onde todos pudessem se observar. Foram exploradas as diferenças físicas das crianças. A atividade foi realizada com o intuito daquilo que foi apontado acima, ou melhor, que os alunos pudessem perceber e respeitar suas diferenças, de modo que, ao pensar em si, as crianças pudessem também respeitar os outros e buscassem nas diferenças um ponto comum, que no caso, uma diferença possível de respeito a si e ao outro (DORNELLES e ENGELMAN, 2014).



Tais diferenças também foram pensadas pelo grupo, quando realizado um resgate das suas histórias familiares, quando procuravam identificar semelhanças e diferenças entre eles. Como por exemplo, após uma atividade de dramatização da história, os alunos realizaram desenho sobre suas histórias de família. Ao representarem à narrativa, a professora observou que poucos alunos utilizaram a cor escura (marrom ou preto) para pintarem seus personagens, apesar de terem descrito a aparência física dos personagens da história.

Para a professora, as crianças não demonstraram preconceito durante a conversa e também não ficou evidente nenhuma ação negativa para com a personagem do livro, mas percebeu que este tema ainda não era tratado de *“forma normal ou comum pelo fato deles não a terem pintado de cor negra”*.

Percebe-se a necessidade de inserir mais personagens negros no cotidiano escolar sejam nas histórias, nos filmes, na brincadeira; desenvolvendo cada vez mais uma imagem positiva do negro na sociedade. Sendo assim faço minhas as palavras de Vieira (2014, p.33) ao expor que: "a literatura evoca as mais distintas emoções e através dela podemos trazer com suavidade as mais diversas temáticas para a sala de aula". A professora Zarina tinha por objetivo entender melhor a questão da diversidade e o respeito às diferenças.

Como aprendizagens que pode construir a partir das discussões no curso e no trabalho com seus alunos acerca do tema, ela percebeu a necessidade de inserir mais personagens negros no cotidiano escolar para tratar sobre a racialidade e conseqüentemente a educação antirracista na educação infantil.

É importante destacar que os objetivos das professoras para com as suas práticas pedagógicas, de algum modo, precisavam andar vinculados a Lei 10.639/03 "[...] que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira" e, também, com os objetivos do Curso UNIAFRO - "Qualificar a educação antirracista em curso nas escolas públicas do estado do Rio Grande do Sul, visando ao atendimento da lei 10.639/2003" - um complementando o outro a partir das práticas diárias.

Assim, neste Trabalho de Conclusão de Curso, ainda me instiga a pergunta: qual o papel da escola para que isso aconteça? Nas palavras de Kaercher e Ramos, (2014), "é preciso educar todas as raças para a valorização da raça negra, bem

como das demais raças; mais que isso, é preciso impregnar as salas/escolas/vida de representações positivas da negritude". Já para Dornelles (2015):

É preciso tratar cada um como ser humano, com respeito e valorização. A sociedade que desejamos em paz começa na mudança de atitudes de cada um e da escola como um todo. Pois é na escola que vivemos mais intensamente a socialização de indivíduos, formamos e damos corpo a sociedade. (DORNELLES, 2015, no prelo).

Nessa mesma direção, Vieira (2014) em seu trabalho de conclusão de curso intitulado *"Eu sou negro louro, e daí!? A cor da pele na constituição das identidades infantis"* assinala sobre a "[...] urgência de repensarmos a forma como as diferenças são trabalhadas na escola, como ela é abordada pelos professores e como ela é vivenciada pelos alunos" (VIEIRA, 2014, p.13).

## 5 OS RETOQUES (talvez) FINAIS - em busca de outras costuras

Neste trabalho, que surgiu de minhas inquietações, demonstrei meu interesse em analisar, sob a perspectiva da Lei 10.639/03, como seria realizado o trabalho de professoras cursistas do UNIAFRO com crianças da Educação Infantil nas escolas da rede pública do Estado do Rio Grande do Sul. Ao problematizar quais práticas pedagógicas poderiam ser utilizadas como estratégias para a construção da igualdade racial desses sujeitos - que integram o ambiente escolar - busquei investigar, como as pesquisadas abordaram o tema da racialidade em suas salas de aula, e quais artefatos utilizaram para tal fim. Constatado que a discussão sobre esse tema foi construída, principalmente, por meio de livros de literatura infantil.

Assim, ao organizar, selecionar e analisar os documentos para coletar os dados de minha pesquisa, preliminarmente intitulada: “CONTANDO OUTRAS HISTÓRIAS - a literatura afro brasileira na educação infantil como estratégia utilizada por professoras do curso UNIAFRO para uma educação antirracista”, percebi o quanto essas buscaram, através de suas práticas pedagógicas, novas experiências – diferentes das quais vinham realizando – que viessem a constituir uma educação antirracista em sala de aula de crianças pequenas. Para isso, como nos assinala Veiga-Neto (2007, p.27), foi preciso um olhar minucioso, pois a “[...] minúcia, chega-se pela análise qualitativa detalhada [...]” ou mesmo como nos afirma Freire (s.d,s.p.), que “[...] um olhar focalizado para detectar, diagnosticar o saber e o não saber do grupo [...]”.

Sendo assim, ao realizar a pesquisa documental a partir da abordagem qualitativa, pude verificar que a temática da igualdade racial no ambiente escolar, para essas professoras, ainda é um assunto delicado e que necessita investimento de tempo e pesquisa, estudo, bem como um olhar atento e disponível para entender o outro que é diferente de si, como foi mencionado nesse trabalho.

De acordo com Nóvoa (2007, p.27), “[...] a aquisição de novos conhecimentos, o estudo contínuo, [...]” são alguns dos obstáculos que o professor deve permear para que se construa uma educação antirracista. É, nesse sentido, que insisto na formação continuada dos professores abrangendo todas as etapas da educação, em especial da Educação Infantil, pois penso que é a partir dos pequenos

que nós professores talvez possamos alcançar, ou quem sabe nos aproximar, da tão sonhada educação antirracista.

Desde que iniciei meus estudos na Iniciação Científica no final de 2013, o tema desse Trabalho de Conclusão de Curso veio cruzando caminhos trilhados por algumas etapas do curso de Pedagogia, principalmente no Estágio Curricular, onde meu olhar foi mais cuidadoso em relação às atitudes, às maneiras dos alunos, ao modo de verem a si e ao outro diferente de si em sala de aula. E, pensar a formação de professores não foi diferente, pois como mostro, nesse trabalho, as práticas pedagógicas das professoras apontaram que essa preocupação é ainda comum.

Não tenho a pretensão de ensinar “modelos de costuras raciais” nessa pesquisa. Minha intenção é fazer com que professores formados e/ou em formação possam pensar diferente do que pensavam, quanto aos temas raça, racismo, racialidade, educação antirracista. A ideia é encontrarmos maneiras de discutirmos esse assunto junto aos nossos pares, às nossas crianças, às famílias que compõem os diferentes grupos onde atuamos e, então, tentarmos tornar possível essa educação para nossos alunos.

Assim, como a confecção de uma peça de roupa, que precisa ser pensada, modelada, medida, alinhavada, costurada e de um bom acabamento, essa pesquisa não está finalizada, pois sempre teremos alguns retoques, ou seja, quando se trata da produção de sujeitos e suas diferenças, estaremos sempre buscando novas aprendizagens, novos conhecimentos, novas experiências que enfatizem o direito à igualdade racial de nossas crianças, em nossas escolas, e, especialmente, em nossas salas de aula.

Volto aos ditos de Mandela apostando que nossas crianças “podem aprender a amar, porque o amor chega mais naturalmente ao coração do homem que o seu oposto”. E, ainda, como nos afirma a letra da música de Víctor Kreutz (2015, s.d,s.p), A cor do Brasil:

Negro branco  
Pardo, colorido  
Caucasiano  
Todos em um grito de não  
Ao preconceito  
Viva a miscigenação!  
Mistura de raças  
Somos a cor do Brasil

Penso nessa mistura, nessa cor do Brasil que é plural e muito presente em nosso cotidiano, em como vem sendo uma luta crescente na sociedade, principalmente, quando se refere à busca pelo reconhecimento da raça negra nas escolas. Essa valorização apontada pelas professoras, através de suas práticas pedagógicas, por meio da literatura infantil, onde as crianças percebiam-se e reconheciam-se entre seus pares, foi fundamental para produção de uma educação antirracista na Educação Infantil. Busco apoio para entender um pouco além daquilo que se sonha com uma educação antirracista o que ensinam Lopes e Arena (2013, p.1149) remetendo-se a Negrão (1985) para afirmar que: "as crianças negras só terão a oportunidade de tornarem-se interlocutoras iguais no processo de comunicação, quando a literatura incorporar de forma positiva a sua imagem e identidade".

Tendo em vista a importância de uma educação antirracista desde a mais tenra idade nas escolas e, principalmente no que diz respeito à escolha dos recursos a serem utilizados pelas professoras, finalizo essa investigação, mas não este assunto, enfatizando a literatura infantil como um dos recursos bastante potente para se trabalhar com as crianças pequenas, ensinando-as sobre raça, colocando em prática as assertivas a Lei 10.639/03.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2005.

ALVES. Bibiana, DORNELLES. Leni V, SANTOS. Nathália Cargnin. Como devem ser os corpos dos bonecos? O que dizem e pensam as crianças sobre ser e ter um corpo negro numa sala de educação infantil. 2014.

ARENA. Dagoberto Buim. LOPES. Naiane Rufino. PNBE 2010: personagens negros como protagonistas. In: Educação e Realidade, Porto Alegre, v.38, n.4, p.1147-1173, out./dez. 2013

BISCHOFF. Daniela Lemmert. Minha cor e a cor do outro: Qual a cor dessa mistura? Olhares sobre a racialidade a partir da pesquisa com crianças na Educação Infantil. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. História e Cultura africana e afro-brasileira na educação infantil/Ministério da Educação. Secretaria de educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. -Brasília: MEC/SECADI,UFSCar, 2014. 144p.

Curso de Aperfeiçoamento UNIAFRO: políticas de promoção de igualdade racial na escola/organizadoras Gladis Silva Kaercher, Tanara Forte Furtado. 1ed. - Porto Alegre: Evangraf, 2014.

DORNELLES, Leni Vieira. **Sobre um corpo estranho: pensar as diferenças raciais na educação escolar**. In: Curso de Aperfeiçoamento UNIAFRO: políticas de promoção de igualdade racial na escola/organizadoras Gladis Silva Kaercher, Tanara Forte Furtado. 1ed. - Porto Alegre: Evangraf, 2014.

DORNELLES, Leni Vieira. ALVES, Bibiana Dornelles, SANTOS, Nathália Cargnin. "Como devem ser os corpos dos bonecos? O que dizem e pensam as crianças sobre ser e ter um corpo negro numa sala de educação infantil". In: Livro de destaques do Salão de Iniciação Científica da FEVALE/2014, 321 - 329.

DORNELLES, Leni Vieira. MARQUES, Circe. **Pedagogias da racialidade: modos de se constituir crianças negras em escolas de educação infantil do Brasil**. In: Revista Propuesta Educativa, 2015 (no prelo).

ENGELMAN, Débora. Ouvindo as crianças - repensando a família através de bonecos. In: II Simpósio Luso-Brasileiro em estudos da criança - Pesquisa com crianças: desafios éticos e metodológicos. Disponível em: <<http://www.estudosdacrianca.com.br/>>. Acesso em 10 de Junho de 2015.

FREIRE, Madalena. O olhar do observador. Disponível em: <<http://www.clm.com.br/espaco/info3a2.html>>. Acesso em 01 de Junho de 2015.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v.35, n.3, p. 20-29. Mai/Jun. 1995.

KAERCHER, Gladis Elise Pereira da Silva. **O mundo na caixa: gênero e raça no Programa Nacional Biblioteca da Escola: 1999.** Porto Alegre: Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, 2006.

KAERCHER, Gladis Elise Pereira da Silva. **Brincando com as palavras e com os livros na escolarização inicial.** IN: Alfabetizar: fundamentos e práticas/Maria Isabel H. Dalla Zen e Maria Luisa M. Xavier (orgs.); Clarice Salete Traversini... et al. Porto Alegre: Mediação, 2010.

KAERCHER, Gladis. RAMOS, Tanise Müller. **Diversidade e a educação das relações étnico-raciais: reflexões e possibilidades para uma educação antirracista na escola contemporânea.** In: Curso de aperfeiçoamento produção de material didático para diversidade/ Ana Claudia Carvalho Giordani... [et al.] (orgs.); Carla Beatriz Meinerz. 3 ed. rev. e ampl. - Porto Alegre: Evangraf, 2014.

KREUTZ, Víctor. A cor do Brasil. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/victor-kreutz/a-cor-do-brasil.html>>. Acesso em: 29 de Maio e 2015.

LÜDKE, Menga. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas/Menga Lüdke, Marli E. D. A. André. - São Paulo: EPU, 1986.

MANDELA, Nelson. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MzM1NjJw/>>. Acesso em 01 de Maio de 2015.

MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo na escola. 2ª edição revisada/ Kabengele Munanga, organizador. - [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.

NÓVOA, António. Formação de professores e qualidade de ensino. [entrevista]. Revista Aprendizagem, Pinhais/PR, n2, set/out. p.25-31.

PARDO, José Luis. El sujeto inevitable. In: CRUZ, Manuel (org.). **Tiempo de Subjetividad**. Barcelona: Paidós, 1996.

RAMOS. Tanise Müller. **Africanidades na sala de aula: a construção de uma ambiência para a igualdade racial na escola**. IN: Curso de Aperfeiçoamento UNIAFRO: políticas de promoção de igualdade racial na escola/organizadoras Gladis Silva Kaercher, Tanara Forte Furtado. 1ed. - Porto Alegre: Evangraf, 2014.

SILVA. Petronilha Beatriz Gonçalves. **Africanidades brasileiras: esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos**. IN: Revista do Professor, Porto Alegre. n.19. Jan/Mar. 2003.

SILVEIRA. Rosa Hessel. **Leituras de crianças sobre a diferença étnico-racial**. In: A diferença na literatura infantil: narrativas e leituras./Rosa Hessel Silveira... [et al.]. 1ed. São Paulo: Moderna, 2012.

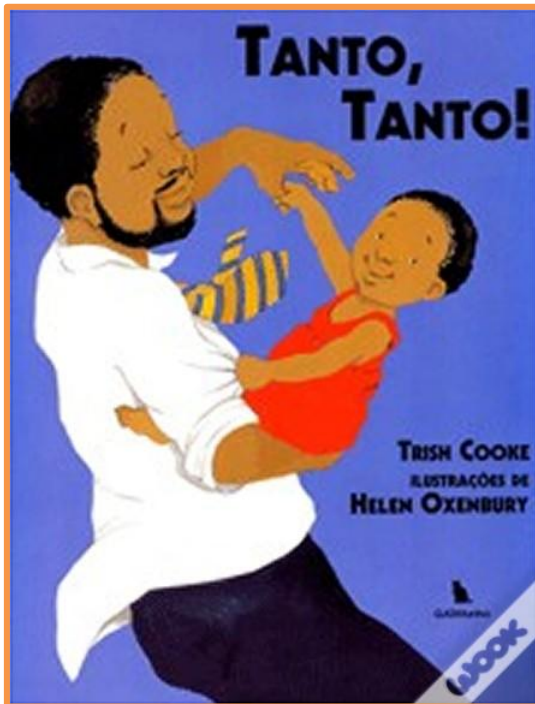
VEIGA-NETO. Alfredo. **Olhares...** In: COSTA. Marisa Vorraber, (organizadora). Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação – 3.ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007, p.23-38.

VIEIRA. Stefani Aguiar. **Eu sou negro louro, e daí!? A cor da pele na constituição das identidades infantis**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, 2014.



## APÊNDICE

### Apêndice - Livros explorados pelas professoras para a contação de Histórias



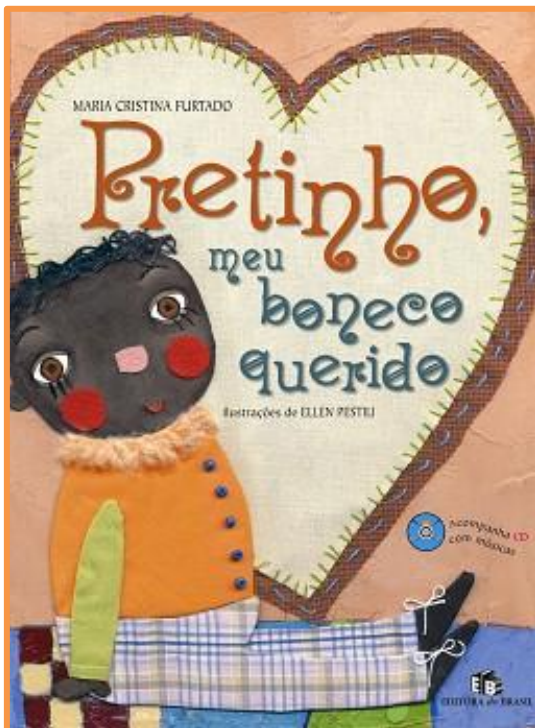
Título: Tanto, tanto!

Autor: COOKE, Trish. Tanto tanto.

Editora: Gatafunho

Todos querem o bebê ao colo, todos o querem abraçar e apertar contra o peito, todos lhe querem dar tantos beijos e tantos mimos e tanta atenção, todos o adoram, toda a família o ama...  
TANTO, TANTO, TANTO TANTO!

Um livro divertido e cheio de amor, sobre uma família que se reúne para fazer uma festa surpresa!



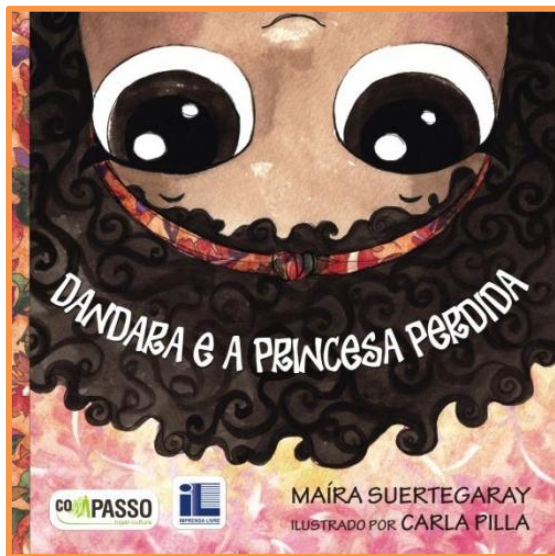
Título: Pretinho, meu boneco querido

Autor: Maria Cristina Furtado

Editora: Do Brasil

Sinopse: Tudo começa no aniversário de 8 anos de Nininha, quando ganha de presente um boneco negro como ela. Logo que chega, Pretinho tem de lidar com o ciúme e com o preconceito dos demais bonecos, que não o aceitam pelo fato de ele ser negro. Com novo projeto gráfico e novas ilustrações, essa comovente história ajuda a discutir o preconceito racial e faz refletir sobre

como são infundadas todas as formas de discriminação.



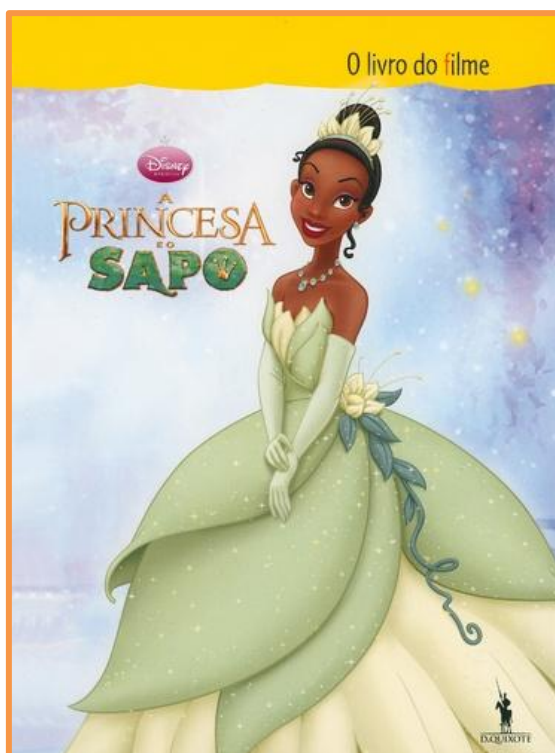
Título: Dandara e a princesa perdida

Autor: Maíra Suertegaray

Editora: ComPasso

Sinopse: Por que não existem princesas negras? Onde estão as princesas como eu? Dandara estava encucada. A resposta da mãe era complicada e a da vovó também não convencia. Em meio a tantas perguntas alguém apareceu... alguém que mudaria para sempre o

mundo da Dandara. Era uma menina diferente. Tinha cabelo curtinho, roupa com estampas coloridas e lindas joias. Sua pele era marrom, um marrom escuro da cor do café, e seus olhos brilhantes como as pérolas negras do colar da bisa. Quem será esta menina? Vamos desvendar esta história?



Filme: A princesa e o sapo

Dirigido por: Ron Clements, John Musker

Sinopse: Situado na cidade de Nova Orleães vem um toque moderno em um conto clássico, com uma bela garota negra chamada Tiana, um príncipe sapo que desesperadamente quer ser humano outra vez, e um beijo fatal que conduz os dois em uma aventura através dos igarapés místicos de Louisiana.



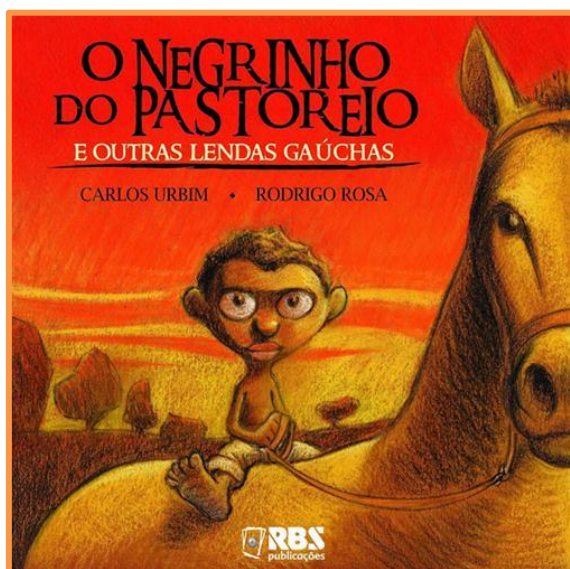
Título: Saci Pererê

Autor: Monteiro Lobato

Editora: Brasiliense LTDA

Sinopse: O Saci-Pererê é uma lenda do folclore brasileiro e originou-se entre as tribos indígenas do sul do Brasil. O saci possui apenas uma perna, usa um gorro vermelho e sempre está com um cachimbo na boca. Inicialmente, o saci era retratado como um curumim endiabrado, com duas pernas, cor morena, além de possuir um rabo típico. Com a influência da mitologia africana, o saci se transformou

em um negrinho que perdeu a perna lutando capoeira, além disso, herdou o pito, uma espécie de cachimbo, e ganhou da mitologia europeia um gorrinho vermelho.



Título: O Negrinho do pastoreio

Autor: Carlos Urbim, Rodrigo Rosa

Editora: RBS Publicações

Sinopse: No tempo dos escravos, havia um estancieiro muito ruim. Entre os escravos da estância, havia um negrinho, encarregado do pastoreio de alguns animais. Um dia, o pobre negrinho perdeu um animal no pastoreio. Por isso, à noite ele agarrou

um toquinho de vela, procurando o animal extraviado, mas não encontrou nada. Quando ele voltou para a estância, foi atado ao palanque e apanhou tanto que morreu. No outro dia, o patrão viu o negrinho vivo e alegre ao lado do animal perdido.